

A PESTE NEGRA E OS CUIDADOS MÉDICOS NO *REGIMENTO PROVEITOSO* CONTRA A PESTILÊNCIA (PORTUGAL, SÉCULO XV)

Francisca de Fátima Almeida^{1*} (IC); Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes² (PQ)

¹Graduanda do Curso de História (UEG), Campus Cora Coralina, Bolsista VIC/UEG, Email: fatimagoiasvelho@gmail.com

²Docente da Universidade Estadual de Goiás/Campus Cora Coralina

Resumo: Essa pesquisa tem como objetivo analisar o olhar médico sobre a peste negra ocorrida em Portugal por volta de 1496 durante o reinado de D. João II. A fonte analisada, o *Regimento proveitoso contra a pestilência*, foi composta no século XIV por um médico da cidade de Montpellier, Johannes Jacobi e foi editada e publicada em Portugal, em fins do século XV, momento em que o reino enfrentava uma ação mais prolongada da epidemia que durou dezessete anos (1480 a 1497). Essa obra foi escrita e endereçada primeiramente a reis e senhores como forma de prevenir as enfermidades e como meio de levar os saberes médicos para as populações. Estudamos os preceitos médicos apresentados em cada parte da fonte dividido em cinco capítulos, todos relacionados a escritos médicos medievais: (1) *Dos sinais*. (2) *Das causas da pestilência*. (3) *Dos remédios da pestilência*. (4) *Sobre as conformidades do coração e dos outros membros*. (5) *Da sangria*. A análise desse escrito nos permite identificar os discursos das práticas médicas universitárias do medievo em relação à epidemia. Possibilita ainda, compreender no contexto da peste negra, em Portugal, os procedimentos médicos destinados a evitar a propagação da doença, as medidas destinadas à terapêutica.

Palavras-chaves: Peste Negra. Portugal. Medicina. Idade Média.

Introdução

Essa pesquisa tem como objetivo analisar o olhar médico sobre a peste negra ocorrida em Portugal por volta de 1496 a partir do estudo do *Regimento proveitoso contra a pestilência*, durante o reinado de D. João II, momento em que o reino enfrentava uma ação mais prolongada da epidemia que durou dezessete anos (1480 a 1497).

A fonte analisada, o *Regimento proveitoso contra a pestilência*, foi composta no século XIV por um médico da cidade de Montpellier, Johannes Jacobi. Essa obra foi escrita e endereçada primeiramente a reis e senhores como forma de prevenir as enfermidades e como meio de levar os saberes médicos para as populações. Redigido, originariamente, em latim, o tratado médico sobre a peste mereceu várias edições também em línguas vernáculas, dentre as quais o português (BASTOS, 2009 p, 149).

A versão utilizada nessa pesquisa é a edição em português desse escrito que foi encomendado pelo rei de Portugal, D. João II. A fonte analisada foi editada e

publicada em Portugal, em fins do século XV, num momento em que o reino sofria uma ação bastante prolongada dessa enfermidade, presente cerca de dezessete anos de 1480 a 1497.

A partir da análise da fonte o *Regimento proveitoso contra a pestilência* levantamos as seguintes problematizações: como a medicina medieval concebia a peste negra? Em quais teóricos ou autoridades médicas os físicos medievais se baseavam para explicar essa doença? Quais eram as medidas de cunho preventivo recomendados no documento analisado? Por que os físicos medievais acreditavam que a peste negra era causada por algo que existia no ar? Por que na medicina desse período recomendavam que fossem queimadas ervas aromáticas em fogueiras nas ruas das cidades? Quais outras medidas ligadas ao ar e ao meio ambiente eram aconselhadas?

Resultados e Discussão

A peste negra sempre desperta um fascínio a quem a estuda. Como afirma Jacques Le Goff (1985, p. 7,8.). “A doença pertence à História, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma ideia e porque as doenças são mortais”. Investigamos essa enfermidade a partir do olhar médico e da preocupação do rei com a saúde do reino ao encomendar a obra *Regimento Proveitoso Contra a Pestilência*. As primeiras medidas do poder régio expressadas por D. João II são voltadas ao combate à epidemia da peste com intervenção social e medidas de saúde pública com higienização urbana, pública e privada. No Regimento da cidade de Évora, nos anos de 1375 a 1395, encontra-se uma pequena medida que diz respeito à limpeza urbana, a remoção de lixos, esterco, águas acumuladas e dejetos, proibindo o trânsito de porcos pelas ruas. Essas medidas não estão vinculadas com as condições de higiene e a doença, mas demonstram a preocupação das autoridades com o aspecto da cidade e ruas que pareciam mal. A partir de então, as medidas de caráter preventivo não se limitaram somente à normatização das práticas de higiene pública, mas ressaltavam o perigo do ar corrompido, a certeza do perigo do contágio, o isolamento, reclusão e confinamento. O Estado manifestou-se e afirmou o seu poder sobre os cidadãos. (BASTOS, 2013, p.126).

Todos independentes da idade, eram atingidos: nobres, ricos, clérigos, realeza e camponeses. A peste tinha um grande aliado, o próprio povo, já que, as cidades tinham precárias condições de higiene propícias à frequentes surtos de epidemias e contágios. Em Portugal, nos campos, faltavam braços para cultivar a terra. Assim, os grandes senhores imploravam ao rei que os herdeiros de seus caseiros mortos pela epidemia cultivassem a terra, pediam aos soberanos prazos para as vendas das propriedades que ninguém queria comprar pelo seu preço real. (COELHO, 1990, p.61, BASTOS, 2009, p.32).

A fonte em análise se espelha no gênero médico literário denominado *Regimen de Epidemia*. São textos compostos quando uma enfermidade afeta toda a população, sobretudo no contexto da peste negra no século XIV. Os ensinamentos contidos nessas obras são baseados em autoridades antigas como Hipócrates¹ e Galeno² e árabes como Avenzoar³ e Averroes⁴. Pelos escritos dos médicos contemporâneos à epidemia, nota-se que compreendiam os mecanismos de propagação e ligavam à doença ao ar que estava contaminado. Em relação aos procedimentos adotados para conter os efeitos da peste, constam a proibição de manter contato com os doentes, o que fazer com as vestes dos pestilentos, não permitir a entrada na cidade de pessoas suspeitas de terem a enfermidade. No entanto, a medida mais utilizada era a fuga para regiões mais distantes. (DUBY 1998, p.81-86; PENA C e GIRON, 2006, p.143, LE GOFF, 2007, p.229).

Estudamos os preceitos médicos apresentados em cada parte da fonte que foi estruturada em cinco capítulos, todos relacionados a escritos médicos medievais: 1) *Dos sinais*. (2) *Das causas da pestilência*. (3) *Dos remédios da pestilência*. (4) *Sobre as conformidades do coração e dos outros membros*. (5) *Da sangria*. O autor apresenta três causas da pestilência: da raiz superior, das raízes inferiores e ambas. Em sua concepção, a peste é causada pela raiz inferior quando o ar ao redor do paciente se tornava fétido devido aos vapores gerados pelas privadas, dos corpos em putrefação ou poços podres. Já a raiz superior refere-se à influência dos astros

¹ Considerado o pai da medicina, explica o aparecimento de doenças com base na teoria dos quatro humores.

² Médico romano do século II d. C. que influenciou de modo marcante a Medicina Medieval.

³ Médico árabe. Foi o primeiro a recomendar a traqueostomia e alimentação artificial por esôfago ou do reto.

⁴ Foi um filósofo e médico árabe, um dos maiores conhecedores e comentaristas de Aristóteles.

que geram a corrupção do ar. E a terceira causa é quando a peste é gerada pela junção dos dois fatores.

Na medicina medieval, o ar era tratado como o elemento mais importante para a manutenção da vida. Ele compreendia também os ventos dominantes a geografia física, a influência das estações que podiam ser provocadas pelos corpos celestes, pelos minerais, pelas plantas ou pelos animais. Na maior parte dos Regimentos de saúde, ele era o elemento fundamental para manter a saúde do corpo e de todos os seus membros.

Nos escritos dietéticos identifica-se um alerta para que todo médico medieval tenha que considerar o ar como a primeira das causas naturais observando o ambiente que rodeia o paciente. Prevaleciam nos regimentos de pestilência recomendações sobre a importância de se enterrar os corpos dos mortos, evitarem as águas sujas, pois tudo isso levava ao ar corrompido. Nos escritos de Avenzoar sobre a pestilência, as causas dessa doença referia ao ar corrompido acompanhado de um intenso calor e chuvas prolongadas, assim como os corpos dos cadáveres putrefatos (PENA e GIRON, 2006, p. 143; SOTRES, 1996, p.570.).

Nesse sentido, no Regimento analisado recomendava-se fugir do local do ar corrupto e ir para lugares altos com ar puro, como primeira medida preventivo, assim como o uso da terapêutica para combater as causas e a prevenção dessa epidemia.

As primeiras recomendações contidas no Regimento como forma de prevenir as enfermidades são cuidados com a dietética, sobretudo a recomendação de se afastar do local da pestilência e ir para lugares com ar mais puro. Assim, evitava a epidemia trazida pelos ventos. Ao discutir no capítulo 3, os remédios da pestilência, além de confessar e fazer penitência indicava o uso de unguentos feitos à base de ervas. Se o paciente não pudesse abandonar a casa, deveria queimar boas ervas para modificar o ar, tais como: folha de louro, lenha de aloés⁵, losna⁶. No regimento, encontramos a indicação do uso de açafraão, a cassiafístola⁷, lavar as mãos com água rosada e vinagre, beber vinho, comer cozidos e caldos, frutas

⁵Nome aplicado a uma variedade de árvore que contém uma substância fragrante, ou aromática, usada como perfume no período bíblico.

⁶A losna é a planta de cujas folhas é feito o absinto, bebida de grande teor alcoólico

⁷A Cassia oferece ajuda valiosa na desintoxicação física, evitando sintomas como tontura, dor de cabeça, prisão de ventre, nervosismo, depressão e eczemas que podem acompanhar a desintoxicação.

azedas (especialmente cerejas, romãs, maçãs e peras), especiarias (gengibre, canela, o aromático cominho e ainda o açafrão) para os ricos, e para os pobres, arrudas e salsas. E caso não seja muito pobre, que o doente misture cominho e açafrão com vinagre e tome, pois "tal molho é muito bom, já que destrói e quita ou tira toda a podridão" (*REGIMENTO PROVEITOSO CONTRA A PESTILÊNCIA*, p.153 - 156).

Dentre os remédios recomendados o Regimento sugere uso da sangria uma por mês, caso a idade permitisse. Depois, o paciente pode beber um bom vinho ou uma boa cerveja, mas moderadamente. Também recomenda que não se deva dormir depois de uma sangria. O sono tem "uma quentura intrínseca, e silenciosamente traz a peçonha ao coração e aos outros membros". O sono ainda é o sinal mais explícito da doença: o homem peçonhentado tem grande desejo de dormir todas as horas. A sangria deve ser feita próxima à região do abscesso (apostema), onde há o pus acumulado. Além disso, fazer as mezinhas, os unguentos caseiros, como folhas de sabugo pisadas com mostarda e fazer emplasto para colocar sobre os ferimentos (*REGIMENTO PROVEITOSO CONTRA A PESTILÊNCIA*, p. 176)

Nos discursos das práticas médicas universitárias do medievo, a peste é apresentada como epidemia de alta fatalidade. Nota-se na obra analisada que a medicina medieval preocupava-se em conservar a saúde das pessoas. Os médicos acreditavam que as enfermidades eram um desequilíbrio do corpo, e por isso escreviam regimentos de saúde com orientação de higiene e prevenção a certas doenças. Nas obras médicas mais significativas viam a peste como calamidade social distintas na coletividade humana e a maioria dos escritos considerava o ar como o lugar onde qualquer epidemia se propaga. Esses regimentos são ricos em com conselhos práticos sobre a epidemia. Os médicos entendiam a doença como uma condição universal presente no ar atribuído as causas celestes, signos, e recomendações sobre a importância de se enterrar os corpos dos mortos, evitarem as águas sujas, pois tudo isso levava ao ar corrompido.

Essa pesquisa tem a relevância de propormos um estudo relacionado às medidas de prescrições médicas dadas à população portuguesa, presente no *Regimento Proveitoso Contra a Pestilência* e as medidas adotadas pelo reino. Sua análise nos permite compreender como os médicos do medievo agiam diante desse grande flagelo e que outras doenças estavam relacionadas ao ar que na medicina medieval estava relacionado com o contágio da peste negra.

Essa obra é uma fonte enriquecedora, pois trata-se de um manual de saúde onde prescreve as medidas adotadas em relação à peste negra. Assim, seu estudo nos leva a conhecer o comportamento do homem medieval perante a doença. Além disso, nos permite através do estudo da doença conhecer a história social de uma época, não focando apenas na enfermidade, mas também o contexto e as teorias médicas predominantes na época.

A Medicina do medievo entendia a peste como uma condição universal presente no ar atribuído as causas celestes, signos zodiacais e cometas entre outros. A imensa maioria dos médicos era fiel as autoridades médicas antigas e árabes para explicar essa doença recorriam às correntes teóricas de Galeno, Hipócrates, Averroes e Avenzoar. Dentre as medidas preventivas era recomendado: uma política de higienização urbana, o perigo do ar corrompido, a certeza do contágio, o isolamento, a reclusão e o confinamento. O ar era pra eles veículos de transmissão. As primeiras medidas médicas era abandonar a casa e procurar viver em lugar alto fugir, do local contaminado marcado pela podridão e mau cheiro. Aqueles que não pudessem abandonar o lugar deveriam evitar aglomerações queimar madeiras e ervas aromáticas em fogueiras nas ruas das cidades, pois a doença era trazida pelos ventos assim, ao adotar essas medidas, purificava o ar.

Este estudo nos permitiu averiguar a preocupação do poder régio, em Portugal, no contexto da peste negra, com a saúde da população. Ao encomendar a tradução para a língua portuguesa de um documento composto no século anterior, demonstra a preocupação em identificar medidas que visassem pelo menos amenizar os efeitos da epidemia. Assim, a análise da obra nos levou a compreender os procedimentos médicos destinados a evitar a propagação da doença, as medidas destinadas ao tratamento e também conceitos da doença apresentada por alguns historiadores.

Meu agradecimento vai, em especial, à professora Doutora Maria Dailza da Conceição Fagundes, coordenadora desse projeto, por me dar a oportunidade de ter participado desse projeto de pesquisa, sempre revisando o texto e dando orientação para melhoras.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação pela oportunidade de ter realizado essa pesquisa, na promoção da minha educação na qual hoje tenho um grande conhecimento do que se passou no período medieval durante as grandes epidemias com destaque a peste negra.

Referências

FONTE

REGIMENTO PROVEITOSO CONTRA A PESTILÊNCIA. In: SILVA, Marinalva Freire da (Ed.) **Edición critica *Del regimiento Proueytoso contra ha Pestença (1496-1500)***. 2002. Tese de Doutorado. Departamento de Filologia Romanica de la Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad Complutense de Madrid.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Mario Jorge da Motta. **O poder nos tempos da peste (Portugal – séculos XIV/XV)**. Niterói: EDUFF, 2009.

COELHO, Maria Helena da Cruz. **Homens, Espaços e Poderes (séculos XI a XVI)**. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

DUBY, Georges. O Medo das Epidemias. In: **Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 78-93.

LE GOFF, Jacques (Org). **As Doenças Têm História**. Lisboa: Terramar, 1985.

PENA, C e GIRON, F. **La prevencion de la enfermedad en la España Bajo Medieval**. Granada: Editorial Universidade de Granada, 2006.

SOTRES, Pedro Gil. *Los regimina sanitatis*. In: GARCIA – BALLESTER. Luis e McVAUGH. M. R. (Orgs). **Arnaldo de Villanova Opera Medica Ommia: Regimen sanitatis ad Regim Aragonum**. Barcelona. Universidade de Barcelona, 1996.